



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

VAMOS APANHAR MEXILHÕES

Por LEONOR de CAMPOS

Na praia, Zézé e Manecas brincam alegremente. Constroem castelos, túneis e pontes, com areia molhada. Perto, debaixo dum toldo, a mãe vigia-os, enquanto as suas mãos agilmente, vão tecendo um casaquinho de tricôt.

Mas o Zézé tem uma idéa:

— «E se nós fossemos para os rochedos, apanhar mexilhão?»

— «Pois sim — responde a irmã. — Vamos pedir licença à mãezinha.»

Em dois saltos, os pequenos estão junto da mãe.

— Podem ir para os rochedos apanhar mexilhão? — pergunta o Zézé.

A mãe condescende:

— «Podem. Mas calcem as sandálias

de borracha, para não magoarem os pés.»

— «Não é preciso, mãezinha! — atalha a Manecas. — Todos os meninos vão descalços, não vê? E' tão aborrecido andar calçado!... Deixe-nos ir assim!...»

— «Não há perigo. Nós temos cuidado!...»

A mãe encolheu os ombros, sem insistir. E os pequenos partiram, numa correria, em direcção aos rochedos.

Pouco depois, os seus baldes estavam quasi cheios.

— «Hein? Que bela caçada! — exclamava, entusiasmado, o Zézé.

— «E a minha também é boa!... — asseverava a Manecas.



Mas ainda não acabara a frase, quando o Zézé desatou a gritar, a gritar muito aflito:

— «Acode-me, acode-me!... Está um bicho agarrado ao meu pé!... Ai que eu morro!... Ai que o bicho matame!...»

A Manecas correu. Olhou o pé do irmão. Agarrado ao calcanhar estava um pequeno caranguejo... A Manecas não se atreveu a aproximar-se mais. Em altos gritos chamou a mãe. A senhora, aflitíssima, acorreu à chamada.

— «O que foi? Que sucedeu?»

Manecas mal podia falar:

— «O Zézé... um grande bicho... uma grande lagosta... está a comê-lo!...»

Mas apenas a senhora viu a grande lagosta, desatou a rir, a rir à gargalhada. Com muito jeito tirou do pé do filho o pequenino caranguejo.

E, como no calcanhar ficara um



(Continua na página 7)

A CONSULTA do SALOIO

Por MANUEL FERREIRA

O *Tóino*, certo dia, sentiu-se adoentado. Com falta de forças, custava-lhe a andar. Comia bem mas cada vez estava mais magro. E, após ter combinado com a sua *Estrudes*, resolveu, entre grande choro da família, meter pés ao caminho até Lisboa, a fim de consultar um médico.

A bem dizer, nunca o *Tóino* havia tido precisão de ir ao médico. Mas, agora...

Ao desembarcar do comboio, o nosso homem, que sabia ler qualquer coisa, viu uma taboleta com o nome «Dr. Carlos de Moraes». Disse, então, à *Estrudes*:

— «Vamos já àquele, mulher. Assim, ficamos despachados...»

Subiram a escada e bateram à porta do consultório. Um rapazola veio atender. O *Tóino* tirou o barrete e perguntou:

— O *sôr* doutor está?

— «Não está, mas deve ter pouca demora. Façam favor de esperar um momento.»

Tóino entrou para uma sala. Esperou... esperou... Daí a três horas, o empregado veio chamar:

— «Façam favor...»

O *salóio* *mai-la* mulher entraram num gabinete cheio de livros e de papéis. A uma secretária, um homem novo consultava umas calhamaças...

Tóino deu as boas tardes e o doutor perguntou-lhe:

— «Então, o que o trás por cá?»

— «Oh, *sôr* doutor, estou muito réles; tenho fastio, pontadas nas costas...»

O doutor riu-se e respondeu:

— «Tenho muita pena, mas não lhe posso fazer nada...»

— «Porquê, *sôr* doutor, já não tenho cura?»

— «E' que eu sou doutor, mas não curo doenças. Sou advogado, doutor de leis. O senhor enganou-se na porta. O médico, Dr. Pedro Cunha, é lá em cima...»

O *Tóino* ficou de boca aberta. Agradeceu ao advogado e subiu a escada rabiando:



— «Esta agora! E estive eu três horas ali à espera...»

No consultório médico, *Tóino* esperou outras três horas. Quando chegou a vez, expôs os seus males:

— «Oh, *sôr* doutor, eu sempre tive uma saúde de trinta diabós! Comia bem *pr'a diente*. Mas, agora, devido a uma molha que apanhei há alguns meses, pelo São Martinho, tenho um fastio danado, uma dores de cabeça que nem vejo. Os dentes não me deixam dormir. E, ós pois, ferrou-se-me na espinha um tal *rómatismo* que nem me posso mexer...»

— «Tem tosse?» — (perguntou o médico.)

— «Tenho tanta que já me vêm pontadas às costas. O *garganeio* está todo inflamado. E, ós, pois não passo nada bem do *estámago*.»

O médico, gracejando, tornou, então:

— «E não sofre de mais nada?»

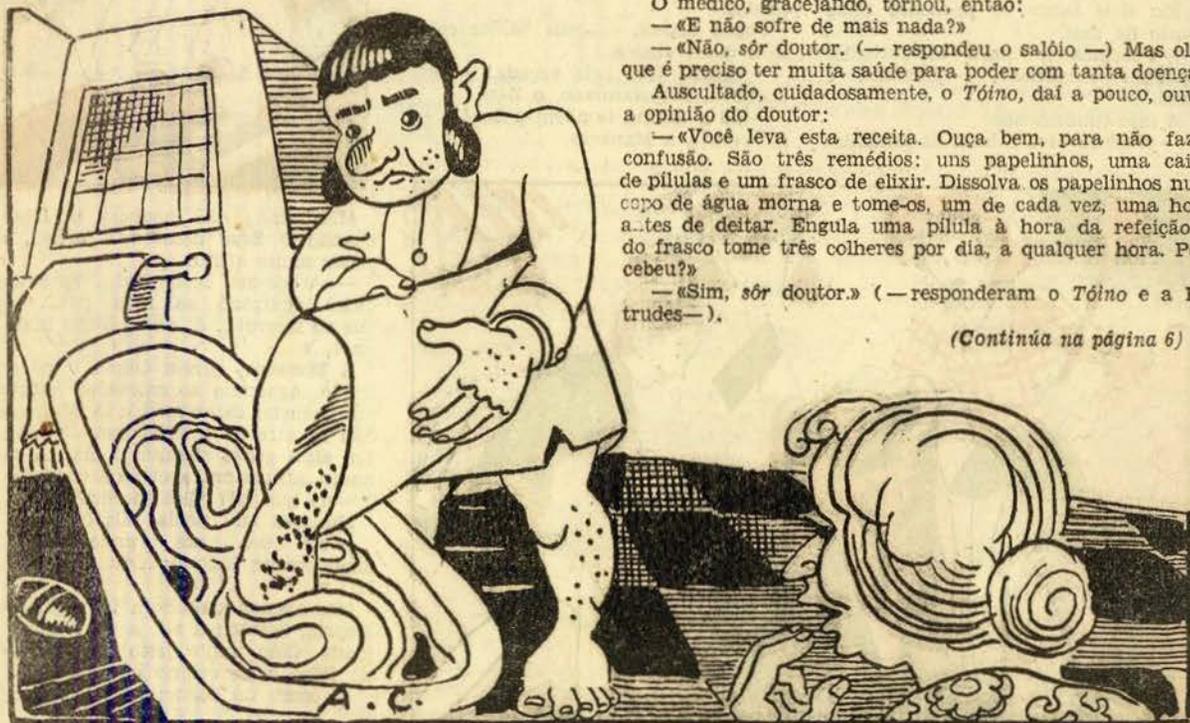
— «Não, *sôr* doutor. — respondeu o *salóio* — Mas olhe que é preciso ter muita saúde para poder com tanta doença.»

Auscultado, cuidadosamente, o *Tóino*, daí a pouco, ouviu a opinião do doutor:

— «Você leva esta receita. Ouça bem, para não fazer confusão. São três remédios: uns papelinhos, uma caixa de pílulas e um frasco de elixir. Dissolva os papelinhos num copo de água morna e tome-os, um de cada vez, uma hora antes de deitar. Engula uma pílula à hora da refeição e do frasco tome três colheres por dia, a qualquer hora. Percebeu?»

— «Sim, *sôr* doutor.» — responderam o *Tóino* e a *Estrudes* —.

(Continua na página 6)



COMO SE VENCE UM HOMEM

POR NELMA ESTEVES

Meus meninos.

Vou contar-vos um facto passado há três anos numa cidade da província de Trás-os-Montes, e cuja protagonista foi um gentil pequerrucha a quem Deus dotou do mais terno coraçãozinho que é possível imaginar-se.

Ouvi:

Um homem bastante robusto, de feições correctas mas curvas, barba crescida e mau olhar, foi preso, um dia, à porta da Sé, por ter sido surpreendido, dentro do sagrado templo, a roubar à imagem da Virgem e das mãozinhas rosadas dum suave Menino Jesus, algumas peças de valor, oferecidas por devotos agradecidos, de quem haviam sido ouvidas, no Céu, as orações rezadas em horas de angústia.

O ladrão recolheu à cadeia e, no dia imediato, foi interrogado por um chefe da policia, que, mal impressionado com o seu aspecto, lhe disse, com aspezeza:

— «Com que então... ladrão de igrejas?...»

O preso, de sobreceño carregado e feições crispadas pela raiva, pelo ódio, não respondeu.

— «Donde és?»

Nada, o mesmo mutismo. Irritado já, o chefe continuou elevando a voz:

— «E's surdo, ou fazes-te? Responde ao que te pergunto: Como te chamás?»

Ele, porém, nem os lábios movia.

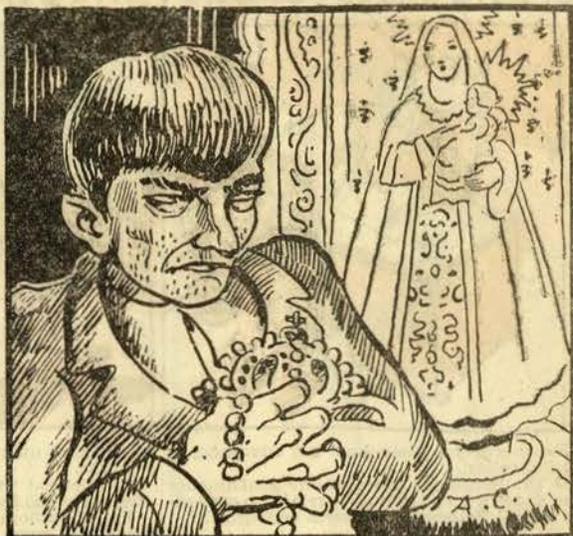
Por muito tempo ainda a autoridade tentou lutar e vencer aquela resistência mas tudo foi baldado.

Não havia, sequer, possibilidade de identificar o preso.

Os jornais publicaram-lhe o retrato, foram pedidas informações para os centros policiaes doutras localidades e depressa veio a saber-se que se tratava nem mais nem menos do que dum cadastrado — o Bravo — preso várias vezes por furto e que sofrera já a pena de presídio militar, por ter, quando andara na tropa, morto à coronhada um companheiro com quem se tornara de rixa por qualquer questão.

Foi submetido, então, a novo interrogatório por parte do comissário, que tendo sobre a sua mesa de trabalho os objectos roubados, lhos apontou, dizendo:

— «Não sentes remorsos de teres profanado a casa de Deus, para cometer um acto tão infame?»



O Bravo, que persistira, a princípio, na teima de não responder, bradou, por fim, numa voz áspera mas bem timbrada, olhando de frente o seu interlocutor, num ar de desafio:

— «Que tem o senhor com a minha vida? Roubei porque quiz roubar...! E agora?...»

O comissário, habituado a lidar com gente de toda a espécie, não se impacientou com a resposta atrevida, e respondeu com muita calma:

«Agora, tu vais ser julgado, condenado, passarás longos dias, anos, talvez, numa cela escura, e...»

Não pôde continuar. Uma das portas do gabinete, a que comunicava com a escada que dava acesso ao corpo de edificio onde o comissário residia, — abriu-se, de repente, e uma pequenita, vestida de branco, correu a agarrar-se-lhe às pernas, bradando chorosa:

— «Vai lá cima, papá... vai lá cima...»

— «Que é isto, Leninha?! Não sabes que não deves vir aqui? Que tens?»

Convulsivamente, a criança repetia:

— «Vai lá cima, papá, vai lá cima... a mamã vai morrer... Vai lá cima!!...»

Não foi preciso mais para que o comissário afastasse bruscamente a pequenita e saísse por onde ela tinha entrado, galgando as escadas a quatro e quarto.

A mente do preso, ocorreu logo a idéa de aproveitar a ocasião para tentar a fuga.

— «Quem sabe?!... talvez por ali...»

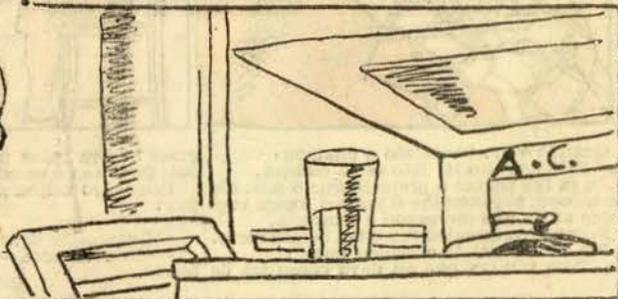
Mas não teve tempo de completar o seu pensamento.

Umhas mãos pequeninas agarram-se às suas, e ele viu os olhos lacrimosos de Leninha fixos nos dele, enquanto os seus lábiozinhos trémulos, saíam estas palavras:

— «A mamã não morre, pois não? Não deixe morrer a minha mamã!!...»

Não sei o que o tom angustiado desta súplica inocente fez despertar na alma do ladrão, mas sei que ele sentiu qualquer coisa como uma opressão no peito e que,

(Continua na página 7)



AVENTURAS e DESVENTURAS de FELISBERTO POR ISABEL AREOSA



Felisberto foi consultar um advogado, o Dr. Pantaleão.

O Dr. Pantaleão ofereceu-lhe gentilmente uma cadeira e convidou-o a relatar o caso sobre o qual Felisberto o queria consultar.

Felisberto desatou a contar que estava muito sossegado da sua vida a ceifar um cam-

po de trigo, quando a sua consorte lhe trouxe o jantar.

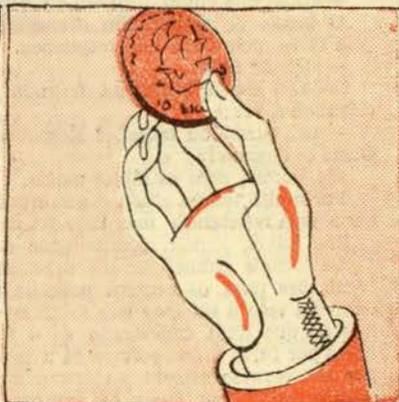
Ela pousou os tachos no chão, e elle disse-lhe que se podia ir embora.

Foi-se embora a consorte e elle continuou a ceifar o resto do campo de trigo. Quando acabou, dirigiu-se ao sítio onde tinha ficado o jantar mas ao chegar lá viu que um cão

tinha papado por completo e estava, agora, entretido a lamber o fundo dos tachos.

Vinha, por isso, consultar o Dr. Pantaleão para saber quem devia pagar o jantar que tinha importado em cinco escudos.

O Dr. Pantaleão pôs a mão na testa, coçou a barba, folheou alfarábios. Depois, levantando-se em ar solene, pap gueou durante



meia hora, mencionou muitos decretos artigos e parágrafos e acabou por concluir que quem devia pagar o jantar era o dono do cão. E aconselhou que não fôsse Felisberto parvo e que exigisse ao dono do cão, o dobro do custo do jantar, para perdas e danos.

— Nem mais — concordou Felisberto. E acabou por rematar:

É também essa a minha opinião.

Depois tossiu e gaguejou — Sr. Dr. Pantaleão... (e aqui Felisberto não ponde conter o risinho) Sr. Dr. Pantaleão... o cão (e Felisberto riu-se outra vez... o cão era seu! Foi o seu cão que comeu o meu jantar.

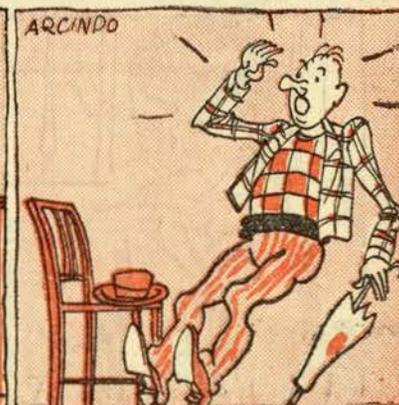
O Dr. Pantaleão ficou embaçado. Esperava por todas menos por aquela.

Deixou-se cair e ficou sentado. Bebeu um copo de água.

Quando se refez da comoção, puxou da bolsa e disse:

— Tome lá os dez escudos.

Felisberto, contentíssimo, agradeceu, despediu-se e ia para se ir embora. Já tinha posto a mão no fecho da porta...



Quando o Dr. Pantaleão o chamou: — Pst, pst, alto lá. Não se vá embora. eu já lhe paguei o prejuizo que o meu cão lhe causou, papando-lhe o jantar. Agora você é que ainda não me pagou a consulta.

Felisberto arregalou um olho, boquiaberto. E o Dr. Pantaleão elucidou então:

— Você julgava que eu dava consultas de

graça?! Ora passe para cá a massinha e depois ponha-se a andar.

Felisberto deu a mão à algibeira e indagou:

— Quanto lhe devo pagar?

— Vinte escudos — respondeu o Dr. Pantaleão.

Felisberto aplicou o ouvido, porque não queria acreditar.

Por fim, com a voz sufocada, só ponde murmurar:

— Vinte escudos... Vinte escudos — o dobro do que Vossa «insolência» me deu pelo jantar!!!

JOSEFINA

POR
AUGUSTO DE
SANTARITA

DESENHOS DE
ARCINDO



JOSEFINA,
menina
fina
mas ladina,
era tão pequenina,
tão meã,
que se diria anã.
Era, contudo, rosadinha, sã,
tão loira, tão louçã,
como a luz da manhã.
Sua Mamã
quanta vez
tinha-a a seus pés
e não a via.
— «Onde és,
onde estás? . . . » inquiria.
Ela nada dizia,
não respondia
mas ria,
ria, ria, ria . . .
Ria baixinho,
devagarinho,
sufocando o risinho.
E era então, só então,
que, sob a sua saia de balão,
a Mãe a descobria.

Josefina cresceu,
cresceu, cresceu, cresceu . . .
— Oh céu! —
apareceu
alta, grande, desenvolvida.
A Vida
fizera-lhe partida.
Engordou-a,
tornou-a

uma pessoa
nutrida;
uma avantesma.
A andar era uma lesma . . .
A sua alma, porém,
continuava a mesma!
Já se não escondia,
não cabia
em parte alguma.
Em suma,
não brincava.
A sua alma, porém,
continuava a mesma!
O seu cabelinho louro,
como o ouro,
em prata se tornava,
que desdouro!
Já não ria, chorava
baixinho,
devagarinho
a sufocar o choro.

*
Meninos, quando virem,
assim,
uma senhora,
em vez de rirem,
tirem,
com respeito, o boné;
e, emfim,
não vejam o que ela é . . .
Vejam-a como outrora!

— «Porque eu estou a chorar.»

Um dia,
todavia,
— quem diria?! —

ANEDOTAS

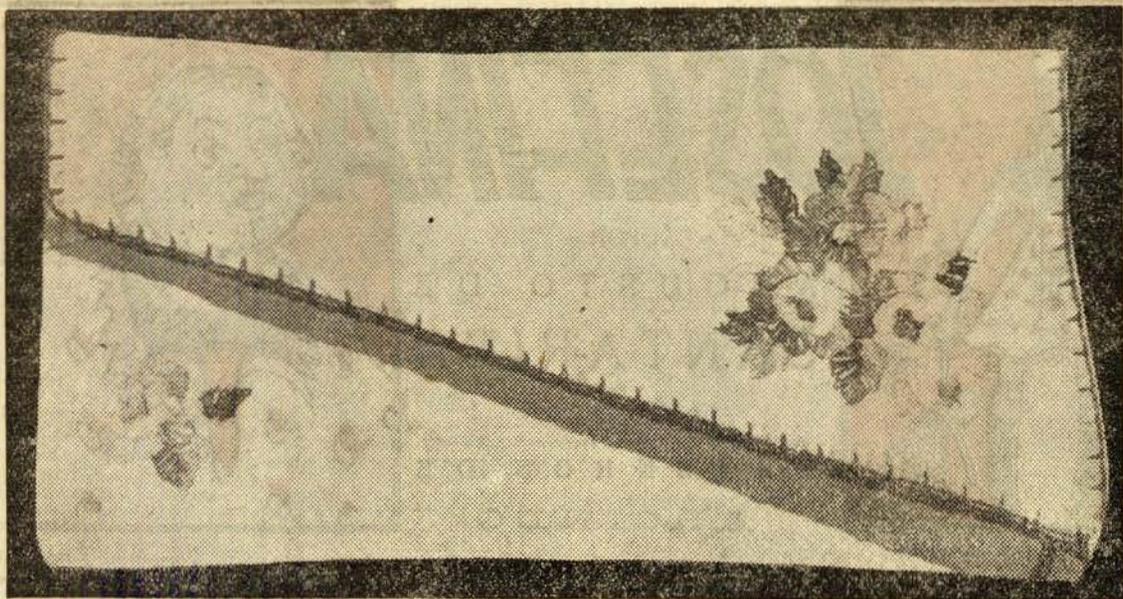
Entre duas crianças :

- «Porque estás a chorar?»
- «Porque a Mimi não quer brincar comigo.»
- «E porque não quer a Mimi brincar contigo?»



ARCINDO

Lili, que está acostumada a ver o
irmãozinho andar de gatas, vê o um
dia de pé, e grita :
— «Mamã, venha cá depressa. O
Joãozinho está de pé nas pernas tra-
zeiras!»



O CESTINHO da COSTURA

SECCAO PARA MENINAS—Por ABELHA MESTRA

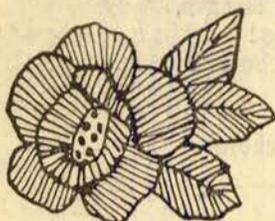
Minhas Queridas :

Este saco para guardanapo, é muitissimo simples; e que talvez o faça parecer, à primeira vista, mais complicado, é o bordado.

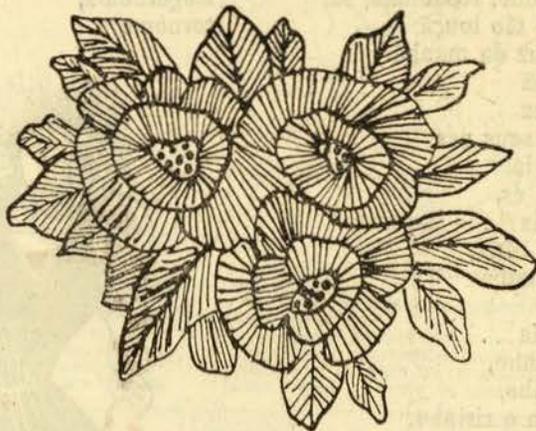
Mas, reparando bem, vemos que nada tem de difficil. Trata-se de trabalhar uma espécie de ponto cadeia, formando cada argolinha uma pétala da flôr. O mesmo ponto applicado nas fôlhas, forma em cada argolinha uma nervura.

Para as flores, escolhem vários tons de côr de rosa e para a folhagem vários tons de verde.

Um «picot», feito com dois tons misturados em côr de rosa, termina êste lindo saquinho.



Vossa
Abelha Mestra



A CONSULTA DO SALOIO — (Continuação da página 2)

—«Duas vezes na semana tome um banho morno...»
 —«Oh, sôr doutor, e isso custa muito?»
 —«Isso, quê?» (—preguntou o médico —).
 —«Essa coisa do banho, (—esclareceu o Tóino —). Já nam malembra se custa ou não. Eu cá só tomei banho quando fui às artes e já lá vão vinte e dois anos...»
 O médico, estupefacto, observou:
 —«Não custa nada. Você vive perto de algum rio ou do mar?»
 —«Ao pé do mar da Erceira.» (—respondeu o saloio —).
 —«Pois olhe, o banho tem de ser de água doce.»
 —«E ó sôr doutor, quantas colheres de água deve levar êsse tratamento do banho?» (—preguntou, ainda, o Tóino —).
 Daí a semanas, o Tóino, mal-la mulher, apareceram no consultório do Dr. Pedro Cunha.
 Vinha pior q' nunca. Muito magro, cadavérico, metia horror...
 —«Então que foi isso? Seguiu o tratamento como eu lhe disse?»
 —«Sim, sôr doutor. Vou-lhe contar o que fiz. Os papeli-

nhos vinham dentro todos sujos de poeira. Deitei o pó fóra e prantei os papelinhos num copo de água, como o sôr doutor disse. Custaram a desfazer-se, mas lá iam pela guêla abaixo...

O doutor rebentava de riso. O saloio continuou.
 —«As pilulas estavam tôdas esberdinhadas. Mastiguei uma e vi que ainda estava crda. Botei-a fora e guardei as outras à espera de que estivessem maduras. Com respeito ao remédio, como êle sabia a azêdo, tomei-o ainda umas três vezes. Mas, por fim, calculei que êle já estivesse estragado. E vai daí, botei-o fora...»

E se o sôr doutor soubesse como tenho o corpo peganhento?
 —«Porquê?» (—preguntou o doutor Cunha —).
 —«Então, o sôr doutor me disse para tomar banho em água doce. Eu assim fiz. Fui ao mar, enchi uma celha de água, e ós pois prantei-lhe uma arrôba de açúcar pilé. Já vê o sôr doutor que, se eu não melhorrei, não foi por falta de tratamento. Segui à risca o que sôr doutor recomendou...»

JOGO DO ASSALTO

VER PAGINA 8

O «Pim-Pam-Pum» oferece, hoje, aos seus pequeninos leitores, nomeadamente aos da Província, o jogo que publicamos na nossa última página, a fim de se entreterem, depois de cumpridas as obrigações escolares, à hora do serão, durante o inverno.

A pesar de muito divulgadas, não queremos deixar de inserir, aqui, as principais regras deste jogo, destinado a duas pessoas apenas.

Na impossibilidade, por falta de espaço de vos dar todas as marcas do jogo, que poderão ser substituídas por simples botões, representando os soldados de ataque ao castelo, acima mencionado, damos, apenas, as que representam os capitães, que deverão

recortar e colar em cartolina forte, bem como a respectiva fôlha.

Os botões devem ser colocados em todas as rodela, excepto nas do castelo onde, nos extremos dêste, à entrada, ficam os capitães.

Iniciado o jogo, movendo o botão que será colocado entre os dois capitães, qualquer destes muda de posição, dando ocasião a que os outros soldados avancem, procurando invadir o castelo. Os capitães saltam por cima dos soldados, passando para a terceira rodela quando não preenchida, e pondo-os fóra do jogo. As jogadas são feitas alternadamente e o objectivo do jogo consiste em preencher tôdas as rodela do castelo com os

Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje as nossas secções

GRANDES DE PORTUGAL

E' HORA DE RECREIO

o que faremos no próximo número pedindo desde já desculpa aos nossos leitores.

soldados atacantes, que só poderão circular em linhas pretas e impossibilitados de retrocederem.

Por lapso, há uma linha branca que deveria ser negra. Os nossos pequeninos leitores corrigirão esta falta, cobrindo-a com tinta preta.

VAMOS APANHAR MEXILHÕES *(Continuado da página 1)*

quasi imperceptível marca das pinças do animalzinho, disse:

— «Vêem o que faz andar descalço por entre os rochedos? Vai a casa. Zézé e traze o frasco do alcool, para desinfecar isso.

Não tem importância mas, em todo o caso, é bom passar-lhe por cima um pouco de alcool. Manecas: vai com teu irmão...»

E a senhora voltou para o toldo, à espera dos filhos.

A casa era muito perto: quasi em frente da praia. Mas os pequenos demoravam... demoravam...

Então a mãe, cheia de cuidados levantou-se no intuito de ir saber a causa da demora.

E qual não é o seu espanto quando vê aproximarem-se Zézé e Manecas, am-

bos calçados com as suas botas altas de borracha.

— «Pronto, mazinha — exclamou o Zézé, apenas chegou junto dela. —

Agora já não há perigo. Podemos ir apanhar mexilhões. Com as nossas botas calçadas nem um tubarão seria capaz de nos dar uma dentada!... Não foi boa idéa?»

COMO SE VENCE UM HOMEM *(Continuado da página 3)*

num gesto inconsciente de carícia, passou os dedos grossos e calejados pelos cabelos da pequenita.

Ela, pousando, naturalmente, o olhar consternado sobre a secretária do pai, estremeceu.

— «Oh! — exclamou, ao ver os objectos roubados — Olhe o que está ali... O ouro da Nossa Senhora... e o coração que a mamã lhe deu quando eu melhorei da febre!

O papá disse que um homem mau o tinha tirado mas afinal está ali...»

Depois, numa luminosa idéa, por entre lágrimas:

— «Olhe... Vamos nós prometer à Nossa Senhora levarmo-lo, outra vez, se Ela melhorar a mamã?...»

O Bravo ouvia-a, imóvel, de olhar preso naquêlo meigo rostozinho banhado pelo pranto. E, então, viu-se esta coisa estranha, comovedora:

A graça, a inocência, a tagarelice e, sobretudo, os olhos chorosos da pequenina Lena, fizeram o milagre...

Quando o comissário entrou, de novo, no gabinete, duplamente inquieto pela saúde da esposa, que tivera uma síncope, e pela segurança do preso que lhe estava confiado, deparou com este quadro enternecedor:

De joelhos, apertando muito a criança de encontro ao peito, o Bravo chorava; e Leninha, sem compreender mas movida por um instinto de confiança, lançava-lhe os bracitos ao pescoço, dizendo: — «O senhor é bom, eu gosto de si!...»

Deus servira-se da alma inocente e pura de Leninha, para salvar outra alma transviada do caminho do Bem!

Todos o compreenderam, ao saberem do caso que se espalhou, célere, por toda a cidade.

Como não podia já deixar de ser, o processo seguiu os trâmites mas, advogado pelo senhor comissário que intercedeu a favor do réu, este foi condenado na pena mínima. Apenas uns dias, muito poucos de prisão, que serviram para tornar mais firme no seu coração, o desejo de remir passadas faltas.





JÔGO do ASSALTO

